



# TEATRO DE ANIMAÇÃO EM LÍNGUA DE SINAIS (TALS): UMA NOVA MODALIDADE DE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS

*PUPPET THEATER IN SIGN LANGUAGE: A NEW MODALITY*

*TEATRO DE TÍTERES EN LENGUA DE SEÑAS: UNA NUEVA  
MODALIDAD DE TEATRO DE ANIMACIÓN*

**Natália Schleder Rigo e Maria de Fátima Souza Moretti**

**Natália Schleder Rigo**

Professora pesquisadora da Universidade do Estado de  
Santa Catarina (UDESC): natalirigo@gmail.com

**Maria de Fátima Souza Moretti**

Professora pesquisadora da Universidade Federal de  
Santa Catarina (UFSC): sassamoretti@gmail.com

### Resumo

Apresentamos um recorte da pesquisa de Rigo (2020) sobre o Teatro de Animação em Língua de Sinais (TALS), artefato cultural das comunidades surdas. Uma modalidade teatral diferenciada e inovadora que compreende bonecos, máscaras, objetos, sombras e demais figuras animadas, considerando o protagonismo de artistas surdos e o uso de sua própria língua materna visual para comunicação em cena: a língua de sinais. Abordamos, neste texto, mais precisamente a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a formação de atores-animadores surdos.

Palavras-chave: Libras, surdos, teatro de animação

### Abstract

This article is an excerpt from Rigo's research (2020) on Puppet Theater in Sign Language, a cultural artifact of deaf communities. A distinct and innovative theatrical modality that comprises puppets, masks, objects, shadows and other animated figures, bringing deaf artists and the use of their own visual language — sign language — to the stage. The text discusses more precisely the Brazilian Sign Language (Libras) and the qualification of deaf actors.

Keywords: Brazilian Sign Language, deaf people, puppet theatre

### Resumen

Este artículo es parte de la investigación de Rigo (2020) sobre teatro de títeres en lengua de señas, artefacto cultural de las comunidades sordas. Se trata de una modalidad teatral diferenciada e innovadora, que incluye la animación de títeres, máscaras, objetos, sombras y otras figuras animadas, con el protagonismo de artistas sordos y una lengua materna visual propia para la comunicación escénica: la lengua de señas. En este texto, abordamos específicamente la Lengua de Señas Brasileña (Libras) y la formación de actores sordos.

Palabras clave: Lengua Brasileña de Señas, personas sordas, teatro de títeres

## Teatro de Animação em Língua de Sinais (TALS)

As produções culturais de Arte Surda provenientes das comunidades surdas dos diferentes países no mundo envolvem uma rica diversidade de estéticas e linguagens artísticas. Muitas dessas linguagens são bastante híbridas (PETERS, 2000; 2006; ROSE, 2006). Por compartilharem características, principalmente da dramaticidade inerente das línguas de sinais, elas se fundem. Possuem fronteiras borradas entre si. Isso também pode ser observado nas manifestações e performances de Teatro de Animação em Língua de Sinais, doravante TALS (RIGO, 2020). As hibridizações no TALS aparecem não apenas na fusão de técnicas, estéticas, elementos cênicos, recursos e animação de formas diversas, mas também na fusão de outras poéticas, literaturas e linguagens artísticas, como o uso de formas animadas em contação de histórias em Libras, em poesias surdas, também propostas ligadas à linguagem clown e ao teatro de atores surdos.

O teatro de animação é híbrido, múltiplo, diverso. A criação de espetáculos incorpora inúmeros recursos, linguagens e procedimentos que fazem dessa arte heterogênea. E a proximidade com outras linguagens torna o teatro de animação reconhecidamente mais contemporâneo à medida que caminha numa direção de aproximação com outros campos, fazendo que as fronteiras fiquem cada vez mais difusas (BELTRAME, 2006). Isso também se aplica ao TALS que, nesses termos, pode ser delineado como uma arte contemporânea dentro do grande gênero do teatro de animação (RIGO, 2020).

Da mesma forma que nas produções de teatro de animação envolvendo línguas orais, nas performances de TALS essa heterogeneidade e hibridização também é identificada, principalmente quando se enxerga que na fronteira entre essa arte teatral e as línguas de sinais existe um importante ponto de intersecção em que mesmas propriedades estão diretamente compartilhadas: visualidade, gestualidade, espacialidade e corporalidade. Assim, além de ser inerentemente uma arte híbrida, o TALS também pode ser delineado como uma poética teatral de visualidades, gestualidades, espacialidades e corporalidades marcantes.

Rigo (2020) entende como manifestações de TALS aquelas que envolvem técnicas, estéticas e procedimentos do teatro de animação associadas aos diferentes usos das línguas de sinais. Manifestações que, além de apresentarem essas características, não dependem de sonoridades; propostas em que elementos sonoros não sejam destacados ou necessários para composição estética e compreensão da narrativa. Ainda, incluem-se manifestações que sejam concebidas *por* surdos como protagonistas ou por surdos *com* não surdos, que tenham prioritariamente as pessoas surdas falantes de línguas de sinais como público espectador primário, e que podem ou não acessibilizadas em alguma língua oral para os espectadores ouvintes. Trata-se, assim, de produções que se inscrevem na perspectiva do teatro surdo e/ou do teatro bilíngue.

Importante ressaltar que produções de teatro de animação acessíveis em Libras não se configuram como TALS. Por exemplo, espetáculos de bonecos, sombras, objetos, máscaras e outras formas animadas, concebidos a partir de uma dimensão cultural e linguística ouvinte, isto é, *por* artistas ouvintes e *para* espectadores ouvintes como público primário, mas que envolvam acessibilidade em Libras (seja por meio de recursos como videoguias, projeções ou da presença de um profissional intérprete no palco), não se enquadram como espetáculos de TALS. Não apenas por não envolverem a Libras cenicamente, mas também por não compreenderem a cultura surda (RIGO, 2020).

Por exemplo, o espetáculo de bonecos *O som das cores* do grupo Catibum Teatro de Bonecos de Minas Gerais foi concebido em português por artistas ouvintes. Os personagens ao longo da peça se comunicam em língua oral e, na oportunidade da edição de 2014 do Festival Internacional de Teatro de Animação (FITA), esse espetáculo foi interpretado para Libras (Figura 1).

## Teatro de animação em língua de sinais (TALS): uma nova modalidade de teatro de formas animadas

Figura 1: Espetáculo de bonecos *O som das cores* acessível em Libras.



Fonte: Rigo (2020)

Rigo (2014c) apresenta como aconteceu esse trabalho realizado como intérprete de português-Libras, e com base no que compartilha, fica evidente que toda a concepção do espetáculo parte de uma dimensão linguística e cultural ouvinte, com aspectos sonoros expressivamente presentes marcados inclusive pela narrativa que envolve uma personagem cega que se orienta por meio de sons, os sons das cores.

Tais aspectos sonoros, e demais questões linguísticas e culturais que partem de um contexto teatral ouvinte, geram implicações de diferentes ordens quando a Libras é trazida para acessibilizar o espetáculo. Nesses casos, ela sequer faz parte da peça cenicamente. Acontece distante dos personagens, longe do espaço cênico onde eles contracenam. Como no caso dessa peça acessibilizada para surdos, e em demais peças de teatro de animação acessíveis, a Libras costuma ser enunciada no corpo do profissional intérprete, cuja presença está fora de cena (Figura 2) e não no corpo do boneco como acontece na perspectiva do TALS.

Figura 2: Teatro de animação acessível em Libras (com intérprete).



Fonte: Rigo (2020)

A arte do TALS se inscreve no grande gênero do teatro de animação, mas com a presença da Libras *em cena*, sendo protagonizada e explorada técnica e linguisticamente em toda sua potência. Ela envolve propostas em que a comunicação verbal se dá por meio da *palavra visual*, e não da palavra sonora, por meio da enunciação de personagens que se comunicam diretamente em Libras (Figura 3).

Figura 3: TALS: teatro de animação com a Libras *em cena*.



Fonte: Rigo (2020)

A denominação *palavra visual* é trazida em Rigo (2020) para destacar a qualidade visual das palavras que compõem a Libras, ou seja, os sinais linguísticos (signos verbais). Não se refere à palavra vocalizada em língua oral. “As pessoas que usam uma língua de sinais normalmente se referem às palavras que a compõem como sinais. Nesse caso, os sinais correspondem às palavras de sua língua” (QUADROS, 2019, p. 26).

Quando pensamos no teatro de bonecos com a palavra visual, pensamos na língua de sinais materializada e comunicada por meio do corpo dos bonecos, tendo eles o formato que tiverem (antropomórficos, zoomórficos, antropozoomórficos). O TALS é um artefato cultural da comunidade surda, uma arte que enaltece e marca politicamente uma minoria linguística e todos os aspectos a ela relacionados. Promove, projeta e reconhece o protagonismo das línguas de sinais de seus falantes surdos, levando em conta a cultura, a experiência e a visualidade surda.

## Teatro de Animação em Libras de/com Surdos: vivências do Grupo TALS

O Grupo de Teatro de Animação em Língua de Sinais, doravante Grupo TALS, foi formado por participantes surdos e não surdos, voltado para pesquisa artística, experimentação e prática com teatro de animação em Libras: máscaras, sombras, objetos e, principalmente, bonecos. O grupo teve três fases de realização: a primeira em 2016 – período em que Rigo (2020) coletou os dados analisados em sua pesquisa – também uma segunda fase em 2017, e a terceira em 2018-2019. O objetivo principal foi promover o teatro de animação em Libras na dimensão da pesquisa artística, da experimentação cênica e da formação de atores-animadores surdos. Buscou-se realizar ações que aproximassem o diálogo entre o teatro de animação e a Libras.

Ao longo dos quatro anos de encontros o número de integrantes variou, mas o perfil dos membros se manteve basicamente o mesmo, já que os pré-requisitos para participar do grupo na seleção eram: pessoas surdas (prioritariamente), pessoas não surdas falantes de Libras, maiores de 15 anos. Nas três fases, a faixa etária do grupo variou entre 15 e 55 anos, dentre homens e mulheres, estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Os encontros foram realizados em salas adequadas para práticas teatrais. Espaços amplos, com piso de madeira, com (ou sem) espelhos, empanadas e/ou paredes pretas. As salas tinham pisos de madeira que auxiliavam na dinâmica dos encontros, principalmente com os participantes surdos, já que bater o pé no chão também é uma forma eficaz para chamar atenção por meio da vibração. Também é eficaz o recurso da luz (acender e apagar as luzes da sala) para se ter atenção visual e para se usar em determinados comandos de exercícios cênicos.

Figura 4: Atores-animadores do Grupo TALS aquecendo.



Fonte: Rigo (2020)

Foram usados laboratórios de animação para exploração de materiais e confecção de bonecos e, a depender da proposta, o grupo se reunia também em outros locais externos. Os encontros da primeira fase do grupo em 2016 foram direcionados às práticas preparatórias para animação de bonecos e exercícios cênicos de animação de bonecos em Libras (Figura 5).

Figura 5: Encontros da primeira fase do Grupo TALS (2016).



Fonte: Rigo (2020)

Num dos primeiros exercícios realizados envolvendo a animação de bonecos os participantes tiveram que construir personagens de papel e, posteriormente, colocá-los em cena. Os personagens eram “entrevistados” pelos demais participantes e pelas instrutoras, e tinham que responder as perguntas sinalizando (Figura 6).



## Teatro de animação em língua de sinais (TALS): uma nova modalidade de teatro de formas animadas

Figura 6: Participantes criando e confeccionando personagens com papel.



Fonte: Rigo (2020)

Em encontros posteriores os participantes foram desafiados a trabalhar também com bonecos prontos de diferentes tipos. O grupo pode conhecer um pouco a respeito dos bonecos, manuseá-los e experimentá-los. Os bonecos disponibilizados nessa oportunidade foram parte do acervo de bonecos da professora Sassá. Alguns doados por ex-alunos e outros doados do acervo do mestre bonequeiro Antônio dos Bonecos (tradicional e conhecido artista de Joinville, SC). Dentre diferentes tipos, havia: bonecos de vestir, bonecos de luvas, bonecos de bastão, boconos, bonecos de vara, bonecos articulados de balcão, entre outros (Figura 7).

Figura 7: Participantes experimentando a animação de bonecos prontos.



Fonte: Rigo (2020)

Os participantes passaram a experimentar a animação desses bonecos e, nesses encontros, foi possível trabalhar com noções básicas dos princípios técnicos de animação, como: *olhar como indicador da ação, eixo do boneco e sua manutenção, relação frontal, neutralidade, concentração* etc. (BELTRAME, 2008).

Já os encontros da segunda fase em 2017, por ter sido esta uma fase voltada mais para a criação e confecção de bonecos, foram realizados nos

laboratórios de animação do Curso de Artes Cênicas do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da UFSC. Ao longo da segunda fase, o enfoque foi dado para a criação artística, confecção de bonecos e sua posterior experimentação em cena (Figura 8).

Figura 8: Confecção de bonecos (2017).



Fonte: Rigo (2020)

Durante essa fase se observou a criação por parte dos integrantes surdos de bonecos pensados especificamente para se comunicarem em Libras em cena. Por exemplo, bonecos antropomórficos híbridos, com estrutura e mecanismos para inserção das mãos dos próprios animadores para viabilizar a comunicação dos personagens por meio da Libras. Como o boneco xifópago (imagem da esquerda) criado pela atriz-animadora surda Angela Okumura e a boneca baiana (imagem da direita) criada pelo ator-animador surdo Pedro Serafim (Figura 9).

Figura 9: Bonecos sinalizantes confeccionados por atores-animadores surdos.



Fonte: Rigo, Sutton-Spence e Silva (2020)

Conforme as análises realizadas por Rigo, Sutton-Spence e Silva (2020), no caso do boneco xifópagos colocado em cena em um dos encontros do Grupo TALS, embora a sinalização de cada personagem tenha acontecido de forma individual, ela também se deu de forma compartilhada em alguns momentos. Em determinadas cenas, os gêmeos siameses compartilhavam não apenas a cena e o diálogo, mas também sinais bimanuais que eram realizados a partir da combinação da mão de um e de outro personagem para a produção do mesmo sinal.

A sinalização durante a cena apresentada nessa oportunidade foi simultânea e compartilhada, e isso foi um fator desafiador na performance. Há nesse caso o “empréstimo de membros corporais das atrizes-animadoras como extensões do boneco, o que possibilitou sem limitações a articulação da maioria dos parâmetros gramaticais da Libras, cuja sinalização produzida pode ser previamente combinada e sua sincronicidade treinada (RIGO, SUTTON-SPENCE, SILVA, 2020, p. 12)<sup>1</sup>.

Já ao longo de 2018 os encontros estiveram mais focados em exercícios corporais, jogos teatrais e de improvisação, também práticas com objetos e máscaras, mais especificamente – máscaras larvárias<sup>2</sup> e máscaras neutras, trabalhadas com base nos princípios norteadores de Jacques Lecoq (Figura 10). Buscou-se “limpar” o corpo dos atores-animadores a partir do trabalho com as máscaras para então depois retomar alguns exercícios com a animação de bonecos, sempre buscando encontrar a “voz visual” dos personagens animados.

No trabalho com as máscaras mais precisamente, ainda que exista a ideia cultural ouvinte de que pessoas surdas estão imbuídas do silêncio – o “silêncio sonoro” talvez, ou em parte, mas não o “silêncio visual” – os resultados das propostas vivenciadas com os integrantes surdos foram bastante significativos, dada a expressividade corporal inerente dos corpos

---

<sup>1</sup> Análises inovadoras e interessantes a partir de uma perspectiva linguística de observação da sinalização dos bonecos em Libras são trazidas por Rigo, Sutton-Spence e Silva (2020) e aprofundadas por Rigo (2020) em sua pesquisa.

<sup>2</sup> As máscaras larvárias com as quais trabalhamos foram confeccionadas e emprestadas por Blenda Trindade. Nosso agradecimento à Blenda e ao Grupo Abaporu pela parceria com o Grupo TALS.

surdos e a facilidade de limpeza e precisão de gestos (não linguísticos) e ações desses atores.

Figura 10: Trabalho com máscaras larvárias e neutras (2018).



Fonte: Rigo (2020)

Exercícios com as máscaras, convencionalmente pensados para ouvintes com base em comandos sonoros, eram trabalhados sempre visualmente nos encontros<sup>3</sup> do Grupo TALS. Dentre outras práticas, as explicações das atividades eram feitas de forma completa sempre antes de a prática começar, com ou sem exemplificações. As indicações eram realizadas com foco nos participantes surdos primordialmente, portanto, sempre de forma visual, com a utilização de recursos luminosos, ou pelo contato corporal e pela vibração do chão.

Jogos com a palavra visual foram propostos com o objetivo de desenvolver habilidades corporais para enunciação em Libras em sua forma intensificada. Isto é, exercícios envolvendo construções verbais de diferentes ordens e de maneira nada usual, por exemplo: sinalizar como se fosse um robô, um gigante, alguém muito pequeno, um animal, um objeto; sinalizar como se estivesse debaixo d'água, num ambiente com baixa gravidade, submerso em uma piscina de mel e assim por diante. Na imagem da esquerda (Figura 11) o participante Rodrigo sinaliza personificando um robô, e na imagem da direita os participantes Pedro e Goku improvisam uma comunicação em Libras que acontece num ambiente de baixa gravidade.

<sup>3</sup> Publicações futuras poderão trazer de forma mais aprofundada essas metodologias desenvolvidas, incluindo questões que diferem o trabalho de formação teatral com surdos e com ouvintes. Para mais informações sobre esse tema, ver Rigo (2020), Somacal (2014) e Resende (2015, 2019).

Figura 11: Exercícios teatrais de preparação com a palavra visual intensificada.



Fonte: Rigo (2020)

Com tais práticas se buscou exercitar processos mentais e corporais de produção linguística não necessariamente acionados em uma comunicação convencional em Libras. Tentou-se oferecer uma melhor conscientização corporal da língua. Esses e outros exercícios contribuíram para os participantes exercitarem a Libras para além de sua forma já concebida, mapeada e internalizada em seus próprios corpos; também para identificarem outras maneiras de usarem seus membros corporais, articulações e movimentos para formação de sinais, uma vez pensando na projeção dessa sinalização nos corpos dos bonecos durante a animação.

Foram propostos ainda exercícios teatrais preparatórios sem a palavra visual, ou seja, sem o uso da Libras. Exercícios de respiração, concentração, triangulação, síntese, repetição, precisão, diminuição e ampliação de gestos não linguísticos e ações. Exercícios trabalhados no intuito de desenvolver competências especializadas aos atores-animadores surdos e não surdos, tendo como base os princípios técnicos de animação de bonecos sistematizados por Beltrame (2008) e pensados pela perspectiva do TALS por Rigo (2020).

Foram propostas também atividades de encenação com ações não verbais a partir de personagens corporificados manuseando objetos de tamanhos não convencionais. Por exemplo, objetos gigantesco ou objetos minúsculos. Exercícios que pudessem contribuir com os participantes também para suas percepções do comportamento humano e conscientização de movimentos não usuais sequenciados no espaço. Além dessas práticas, alongamentos, jogos de aquecimento, atividades envolvendo coordenação

motora, reflexos, variações de velocidades no andar, exploração de alturas e níveis do espaço.

Conforme Rigo, Sutton-Spence e Silva (2020), o TALS implica diversas contribuições linguísticas, teatrais, educacionais e sociais para as comunidades surdas. Isso porque também projeta artistas surdos e não surdos sinalizantes e suas produções artísticas, reforçando o entendimento da Libras como uma língua de potencial cênico e criativo, possível de ser empregada também no Teatro de Animação.

O TALS ressignifica o teatro majoritário ouvinte, “uma vez que evidencia que o teatro de animação e suas infinitas possibilidades não está limitado ao uso do som, da voz e das línguas vocais-auditivas dominantes, tampouco precisa ser compreendido e produzido apenas por artistas e espectadores ouvintes não sinalizantes” (RIGO, SUTTON-SPENCE, SILVA, 2020, p. 19).

### Considerações Finais

Para a área do Teatro de Animação, a contribuição do estudo de Rigo (2020), cujo presente artigo traz um breve recorte, se dá na medida em que introduz a linguagem do TALS e propõe originalmente possibilidades diversas de animação em Libras. Para além do uso como instrumento pedagógico ou ferramenta de ensino-aprendizagem da Libras, o TALS, e o teatro de bonecos em Libras mais precisamente, é uma rica atividade artística com valor inerente. Uma arte que pode alcançar mais pessoas surdas nas escolas e nas demais esferas sociais e artísticas, bem como fomentar a formação e a profissionalização de atores-animadores surdos e não surdos falantes de Libras.

Projetar o TALS e o teatro de bonecos em Libras no universo artístico e acadêmico, que ainda é majoritariamente fonocêntrico, significa conferir espaço e vez para uma língua minoritária e um grupo historicamente excluído desse universo cultural. Significa promover o reconhecimento da potência da Libras para as diferentes técnicas e linguagens, bem como a potência de artistas, bonequeiros e atores-animadores surdos em suas competências

## Teatro de animação em língua de sinais (TALS): uma nova modalidade de teatro de formas animadas

linguísticas, proficiências criativas inatas de uso da língua associada à animação.

Espera-se com este recorte, ainda que breve e introdutório, contribuir com os leitores para o conhecimento e familiarização sobre o TALS, assim como incentivar mais pessoas a trabalharem e pesquisarem essa nova perspectiva do Teatro de Animação.

### Bibliografia

- BELTRAME, V. N. Reflexões sobre o teatro de animação no Brasil. *In*: VIEIRA, S. (Ed.) **Vida de Boneco**. Curitiba: Imagensul, 2006.
- BELTRAME, V. N. Princípios técnicos do trabalho do ator-animador. *In*: BELTRAME, V. N. (org.). **Teatro de Bonecos**: distintos olhares sobre teoria e prática. Florianópolis: UDESC, 2008.
- PETERS, C. L. **Deaf american literature**: from Carnival to the Canon. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2000.
- PETERS, C. L. Deaf American Theater. *In*: BAUMAN, H. L.; NELSON, J. L.; ROSE, H. M. (ed.). **Signing the body poetic**: essays on American Sign Language Literature. University of California Press, 2006.
- QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.
- RESENDE, L. S. **Técnicas de expressividade corporal no treinamento do ator surdo**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teatro) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2015.
- RESENDE, L. S. **Tradução teatral**: produzindo em Libras no teatro surdo. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- RIGO, N. S. **Tradução da peça *O Som das Cores* para Língua Brasileira de Sinais**. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL FITA, 1, 2014. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2014. v. 1, p. 66-67.
- RIGO, N. S. **Teatro de Animação em Língua de Sinais (TALS)**: possibilidades de tradução-animação de bonecos em Libras. 2020. 310 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

RIGO, N. S.; SUTTON-SPENCE, R. L.; SILVA, R. C. Teatro de Animação em Língua de Sinais (TALS): desafios linguísticos e técnicos de performances teatrais em Libras. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 143-165, jul./dez., 2020.

ROSE, H. M. The poet in the poem in the performance: the relation of body, self, and text in ASL Literature. *In*: BAUMAN, H. L; NELSON, J. L; ROSE, H. M. (ed.)

**Signing the Body Poetic**: essays on American Sign Language Literature. University of California Press, 2006.

SOMACAL, A. M. **Memória na ponta dos dedos**: sistematização de práticas de teatro com surdos. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.